
REGISTROS

Em memória de Jaci Maraschin

Carlos Eduardo B. Calvani*

Escrever sobre um amigo e ex-professor nunca é tarefa fácil. Sempre escrevemos a partir de certa aproximação afetiva para com a pessoa e sua obra. Mais ainda quando conhecemos a pessoa e vivemos várias experiências boas e ruins ao seu lado. Nas páginas que se seguem, evito fazer uma abordagem meramente teórica sobre o pensamento de Maraschin. Minha aproximação passa pela via da pastoral e baseia-se, na verdade, em uma homilia da qual fui encarregado a fazer em uma liturgia *in memoriam*. Ademais, uma abordagem mais densa sobre sua contribuição teórica à teologia brasileira já foi feita por Waldemar Barros Neto¹ e por outras colegas, na Revista Inclusividade n. 8, editada pelo Centro de Estudos Anglicanos em comemoração aos seus 50 anos de ministério ordenado, em 2004.²

Maraschin foi professor de muitas gerações de clérigos e bispos anglicanos do Brasil e teve outros tantos alunos e alunas ao longo de seus muitos anos de trabalho na UMESP. Pessoa singular, dotada de constante bom humor e sensibilidade, sempre será lembrado por vários adjetivos: teólogo (embora ultimamente não gostasse de se identificar assim), músico, compositor, poeta, educador, sacerdote, etc.

Nós nos conhecemos por volta de 1986 em um encontro de música da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Nossas relações se estreitaram a partir de 1991 quando ele foi meu orientador no

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e coordenador do Centro de Estudos Anglicanos.

¹ “Da Teologia à pós-modernidade: a trajetória do pensamento de Jaci Maraschin”. Centro de Estudos Anglicanos. Projeto Compartilhar, n. 61. Disponível no site: http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/teologiaanglicana/teologia_maraschin_waldemar.pdf

² Ver, entre outros, os seguintes artigos na citada revista: PRADO, Luiz Osório Pires “Jaci Maraschin: sacerdote, poeta e padre anglicano”, MENDONÇA, Antonio Gouvea, “Maraschin: teólogo-poeta”, SANTA ANA, Julio de, “Jaci Maraschin, ecumênico”.

mestrado do Programa de Pós-Graduação do então Instituto Metodista de Ensino Superior. Na época eu tinha algumas “certezas” e Maraschin, como bom orientador, me ajudou a formular de modo mais adequado as perguntas para as quais eu achava que já tinha respostas. Desde então, a amizade somente se fortaleceu. Mas ele sempre soube separar amizade e rigor acadêmico. Quando defendi minha tese de doutorado em 1998, ele fez parte da banca de avaliação e literalmente, “massacrou” meu trabalho, a ponto de eu pensar que estava reprovado. Tentei responder a seus questionamentos da maneira que julguei mais apropriada. Dias depois, quando o encontrei, ele me parabenizou, dizendo: “fui rigoroso porque sabia que você podia ir além do que escrevera”.

Amante da boa música, Maraschin trabalhou na Comissão que compôs o Hinário Oficial da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, no início dos anos 60. Muitos hinos que são entoados dominicalmente nas paróquias anglicanas do Brasil trazem sua marca como tradutor ou compositor. Nos últimos anos coordenava a comissão de revisão do mesmo hinário e o último *email* que trocamos versava sobre esse tema. Além disso, suas composições alcançaram também o mundo ecumênico internacional, tendo várias de suas canções editadas em livros litúrgicos do exterior.

Mas ele também serviu à Igreja com outros talentos: lecionando no Seminário Anglicano em Porto Alegre ou no Instituto Anglicano de Estudos Teológicos em São Paulo, colaborando com o Centro de Estudos Anglicanos como assessor teológico e em diversas comissões ecumênicas (entre outras a Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas e a CONAC – Comissão Internacional de Diálogo entre Anglicanos e Católicos Romanos).

Autor de vários livros³ e de tantos outros artigos⁴, Maraschin também se destacou como compositor. Suas primeiras composições datam dos anos 40. Em sua autobiografia, relembra: “Apresentei, na

3 “O Espelho e a Transparência – O Credo Niceno-Constantinopolitano e a Teologia da Libertação” (Rio de Janeiro, CEDI/Sagarana, 1989), “Igreja a gente vive – uma introdução ao pensamento de Frederick Denison Maurice” (Porto Alegre, IEAB, 1991), “A beleza da santidade – ensaios de Liturgia” (São Paulo, ASTE/Ciências da Religião, 1996), “A (im)possibilidade da expressão do Sagrado” (São Paulo, Emblema, 2004), “As cidades visíveis” (São Paulo, Altana, 2000), “Rastro de São Mateus” (São Paulo, Simpósio/Ciências da Religião, 1998), além da coletânea “O Novo Canto da Terra” (São Paulo, IAET, 1993).

4 ver extensa bibliografia no artigo de Waldemar Barros Neto.

igreja anglicana, um recital público com corais de Bach, na primeira parte, e uma composição minha que chamei bombasticamente de “concerto protestante”, dedicada ao Maestro Ferreira. Eu pensava que era protestante”⁵.

Nos anos 60 compôs a primeira “Missa Brasileira”, em ritmo de samba, para ser usada experimentalmente nas Paróquias Anglicanas. No início dos anos 70, trabalhando como secretário-geral da ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), abraçou a Teologia da Libertação e tentou traduzir, de modo artístico, as principais preocupações teóricas desse movimento em canções como “Lavapés”, “A Ceia do Senhor”, “Comunhão”, etc. Nessa época, organizou e pastoreou com o apoio da Diocese Anglicana de São Paulo, uma comunidade alternativa na capital paulista, “com o indistintável nome de ‘Comunidade da Libertação’”.⁶ Sempre foi muito fiel à Igreja Anglicana e boa parte de suas composições carrega as inegáveis influências da mais clássica liturgia anglicana.

No ofício *in memoriam* celebrado na Paróquia de São Lucas (Londrina, PR), à qual ele visitava regularmente no início dos anos 80, para presidir a eucaristia e dirigir um grupo de estudos teológicos, utilizei na homilia, o conhecido texto de Lucas 2.25-32, que relembra o velho Simeão e seu encontro com o menino Jesus no Templo. Na mensagem, destaquei, em linhas gerais, as seguintes ideias, de modo comparativo:

a) Um homem justo e piedoso

O texto bíblico qualifica Simeão como um homem “justo e piedoso”. O conceito de “justo” na Bíblia é diferente do conceito grego. Platão, no livro “A República” e Aristóteles, no livro V da sua *Ética a Nicômaco*, afirmam que um justo é aquele que fez o que devia fazer recebeu em troca o que lhe era devido. Já nas Escrituras, “justo” é aquele que espera em Deus e que tenta pautar sua vida por aquilo que compreende ser a vontade de Deus. “Piedoso”, por sua vez, nas Escrituras refere-se a alguém que nutre sua vida espiritual dos tesouros da tradição do povo de Deus: os salmos, as orações, os hinos e a vivência litúrgica. Jaci, ao seu modo, também foi um homem justo e piedoso. Porém, certamente, nunca suficientemente

5 Maraschin, Jaci, “O canto dos traços dos deuses fugitivos” (autobiografia). Revista *Inclusividade*, n.8 (Jaci Maraschin: 50 anos de ministério ordenado). Porto Alegre, CEA, 2004, p. 103.

6 Idem, p. 109.

pietista a ponto de confundir emoções com fé nem a usar de artifícios emocionais para expressar suas crenças. Sua piedade é mais bem conhecida nas belas canções que nos legou, tais como a versão do poema de Santa Tereza de Ávila:

Meu Deus, eu te amo não porque espere os céus e o bem,
nem é que eu tema, ao não te amar, sofrer no inferno além
Mas só porque, Senhor, por mim, morreste numa cruz
E ali sofrendo, em dor cruel, me deste vida e luz
Induz-me o teu infindo amor, de tal maneira a Ti
Que mesmo sem o inferno e o céu, eu te amaria aqui
Assim compreendo e vivo, ó Deus, cantando o teu louvor
A minha salvação és Tu, manancial de amor
(Hino 270 – Hinário Episcopal)

A piedade e o compromisso cristãos também se manifestam na canção “Oferenda dos Sentidos”, na qual ele destaca que todos os sentidos do corpo humano devem estar a serviço de Deus e do mundo, e onde se une a espiritualidade à vida concreta:

Mil línguas eu quisera ter pra proclamar o teu amor
e celebrar com gratidão o teu louvor
Mil línguas eu quisera ter pra denunciar a escravidão,
as injustiças sociais e protestar
Mil olhos eu quisera ter pra ver no céu, no mar, na flor,
a tua face salutar e te adorar
Mil olhos eu quisera ter pra te encontrar também na dor
dos desolados e sem lar e protestar
Ouvidos mil quisera ter pra ouvir contrito a tua voz
e no silêncio da manhã ficar feliz
Ouvidos mil quisera ter pra ouvir também o teu clamor
no grito amargo da opressão e protestar
Narinas mil quisera ter pra perceber o cheiro bom
do santo incenso e do jardim e respira
Narinas mil quisera ter pra perceber na poluição,
a inimizade, a frustração e protestar
Oh, quem me dera ter mil mãos para o evangelho carregar,
pra te aplaudir com emoção e te tocar
Oh, quem me dera ter mil mãos pra nosso mundo transformar,
unindo-as todas e afinal o libertar
Só Tu nos dá mais de um milhar de ouvidos, olhos, vozes, mãos,
só Tu nos podes convocar pra te servir

Só Tu nos dás mais de um milhar de dons, de forças, de razão
Pra nosso mundo transformar ao te servir

Um hino que Jaci traduziu e adaptou (331 do Hinário Episcopal) (331), fala da vida em santidade; lembra os santos do passado e termina dizendo:

Também existem em nosso dias santos do bom Senhor
Eles vivem perto de Jesus e levam sua cruz
Eles andam nas ruas, na escola, no lar, e estão nas igrejas e em todo lugar,
pois um santo de Deus qualquer um pode ser, e sempre com Deus viver.
(Hino 331, do Hinário Episcopal)

b) um homem que “esperava a consolação do seu povo”.

Simeão também é qualificado no texto, como alguém que “esperava a consolação do seu povo”. Isso significa que era alguém sensível o suficiente para com as dores do seu povo e que aguardava sua libertação. Do mesmo modo, nas canções de Maraschin, a palavra “esperança” se repete constantemente - “Esperamos no deserto um caminho descobrir, que nos leve, reunidos, às promessas do porvir...” ou “Agora o que mais importa é renascer na esperança, É renascer, renascer na esperança...”

Esperar a consolação do povo é também clamar a Deus, principalmente em favor dos pobres, desolados, dos sem lar e menos favorecidos:

Permite que este trigo na terra amadureça,
e a fome do mendigo enfim desapareça
(A Ceia do Senhor)

c) Um homem que teve um encontro com Jesus.

Simeão conheceu Jesus quando este ainda era um bebê recém-nascido. Porém, ao pegá-lo no colo, Simeão percebeu que estava embalando o Messias, o Cristo prometido, e pôde morrer em paz.

O encontro com Jesus sempre transforma nossa vida. Jaci também experimentou esse encontro e o registrou da seguinte forma:

Tu me encontraste em meio à noite e me chamaste a em ti viver
Eu não sabia, confesso agora que ainda existia o amanhecer
Tu me seguiste por tanto tempo, eu era triste, sem perceber
Até que um dia eu vi teu mundo, com alegria e pude crer

Deixei de lado a indiferença, fui abalado por teu poder
Meu egoísmo mudaste em luta, no meu batismo sem merecer
Te achei sofrido, com fome e sede te vi oprimido a padecer
Te achei cansado, te achei nos pobres, desamparado a esmorecer
Te achei na face de tanta gente, sem que eu buscasse te surpreender
Eu faço parte da tua história, na qual amar-te é renascer
(Insistência)

O encontro com Jesus sempre nos leva ao compromisso, e Jaci nos ensinou isso de várias maneiras: “também pediste que este teu exemplo se repetisse em nós e que, ao invés, de nos fecharmos em teu santo templo, saíssemos lavando outros pés...”.

Quem vive essa experiência do encontro com Cristo, sabe que “Jesus Cristo é a vida do mundo”.

d) Um homem que expressa esse encontro com Jesus através da poesia e da arte

Após aquele encontro com Jesus, Simeão louva a Deus com um belíssimo cântico litúrgico (“Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo... *Nunc Dimittis*...)

Do mesmo modo, na vida do Jaci, a consequência imediata da vida cristã deveria ser a promoção da beleza, da arte, da sensibilidade e da alegria. (“*Não quero mais viver uma vidinha à toa, pois posso ter com Cristo a nova vida boa...*”).

Jaci sempre esteve envolvido com movimentos artísticos e sempre criticou de modo contundente o desprezo para com a educação artística e o descaso para com liturgias mal elaboradas, porque, para ele, a liturgia deveria ser uma expressão de beleza e alegria. Não é a toa que o *cd* que a Paróquia de São Lucas (Londrina) patrocinou e no qual o rev. Flávio Irala gravou canções do Maraschin, leva o nome de “Dança jubilosa”. Ouvindo este *cd* percebermos o quanto as palavras “alegria, júbilo, dança” são constantes nas canções de Jaci. Para ele, a maior missão do cristianismo no mundo deveria ser a de promover a justiça e a beleza, e isso implica em aguçar nossa sensibilidade através da poesia e da música de qualidade.

Poucos sabem que nos últimos anos, Maraschin foi um dos patrocinadores da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. No site dessa orquestra aparece o seu nome como um dos mais antigos colaboradores e patrocinadores. Ele sabia que não deveríamos gastar nossas energias divulgando canções comerciais, ou ensinando nossos

filhos a dançar axé e ouvir pagodes comerciais. Se quisermos ter um mundo com mais sensibilidade, devemos investir é na promoção de música e arte de qualidades. Sua grande paixão era o canto gregoriano e ele tentou explorar em muitas canções que entoamos, as possibilidades de interação do canto gregoriano com a MPB. Por exemplo: *“Na ceia do Senhor nós celebramos...”*)

A sensibilidade de Jaci Maraschin às vezes se manifestava de modo muito singelo. Dom Jubal Pereira Neves, bispo da Diocese Anglicana Sul-Occidental sediada em Santa Maria - RS, alguns anos atrás, o convidou para pregar no encerramento de um concílio diocesano na cidade de São Gabriel - RS. Maraschin já não estava com a saúde muito boa, mas como sempre, acolheu o convite. Dificilmente ele se recusava a participar de alguma atividade na Igreja. Tomou um avião para Porto Alegre e, de lá, no mesmo dia seguiu de ônibus para São Gabriel. A diocese havia lhe reservado um hotel, mas quando ficou sabendo que os demais conciliares seriam hospedados em casas de família, julgou que não seria adequado ter o privilégio do hotel e se dispôs a ser hospedado por casais da paróquia. Mesmo não sendo delegado conciliar, participou ativamente de todas as sessões de debates. No domingo de manhã, chegou para pregar no culto de encerramento com uma rosa nas mãos, e disse ao bispo Jubal: *“Eu preparei um sermão, mas não vou pregá-lo. Resolvi mudar porque hoje cedo, no café da manhã, ganhei da senhora que me hospedou essa flor... tão linda... vou pregar sobre essa flor...”*. Parecia uma criança com aquele presente. A partir daquele singelo presente, fez um belíssimo sermão de improviso sobre a rosa, destacando o significado da Graça. Isso é sinal de sensibilidade, consequência do encontro com Cristo.

A presença física do Maraschin fará muita falta à Igreja. Porém, ele nos deixou um tesouro que são suas canções e textos, além da sua extrema sensibilidade e bom humor. Damos graças a Deus por sua vida e elevamos ao Altíssimo nossa oração com as palavras da Coleta da página 148 do Livro de Oração Comum:

Onipotente Deus, deste a teu servo (N) os dons especiais a graça para compreender e ensinar a verdade que está em Jesus Cristo. Concede que, por meio deste ensino, conheçamos a Ti, único e verdadeiro Deus e a Jesus Cristo, a quem enviaste, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.